

Comemoração ao centenário das
Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917) de S. Freud

O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais

*Por Cecília Maria de Brito Orsini**

Desde que Freud retirou definitivamente a sexualidade do apoio que a sustentava, a fisiologia, assistimos a uma perturbadora mudança na concepção de sexualidade. Essa passa a ser vista como resultante de uma força plástica capaz de satisfazer-se com diferentes objetos e de sofrer várias transformações. Essa força é a **libido**.

Como Freud elaborou esta concepção?

De um lado, ele ancorou-se em sua experiência clínica - onde é possível a escuta de todo o tipo de práticas sexuais e de fantasias -, e para o psicanalista a fantasia tem a consistência e a firmeza da realidade. De outro lado, apoiou-se na observação da criança pequena (corroborada pela análise de crianças). Ademais, Freud contou com sua própria ousadia intelectual.

Começando pelo aleitamento, vê-se que o sugar separa-se da fome. O bebê suga chupeta, dedos, paninhos, evidenciando um prazer erótico nesta região, a boca - inegavelmente uma zona erógena. O prazer libidinal em sugar distingue-se do alimentar-se e vai desembocar tanto no erotismo da relação sexual do adulto (o beijar, o morder, o lambar, o sexo oral), quanto em sua vida psíquica (a passividade em tudo receber, a voracidade).

Subsequentemente assistimos ao interesse da criancinha pelas fezes (manipulá-las, comê-las), ligado à zona erógena anal. Este prazer bruto é transformado, a partir das exigências educativas, por exemplo, na ligação com materiais como a massinha (ou a cerâmica, que trabalha com barro) - seus correlatos sublimados. A plasticidade da libido encontra-se inclusive nessa capacidade de ligar-se a atividades culturais aceitas, "sublimes", como afirmaria Freud.

E, a partir do terceiro ano de vida, o interesse erótico volta-se para os genitais, acompanhado das fantasias incestuosas relativas aos pais, o famoso complexo de Édipo - uma alusão à universalidade da tragédia do rei tebano que mata o pai e casa-se com a mãe, sem que o saiba. Trata-se da mesma ignorância que vivemos em relação a nossos impulsos dirigidos aos pais, o que se configura, no entanto, numa experiência crucial e fundante.

A partir da experiência da sexualidade infantil, Freud cria a figura do *perverso polimorfo*: a expressão desses impulsos libidinais infantis é constitutiva da

sexualidade adulta, uma espécie de “mapa da mina” do desejo sexual. Portanto, a perversão – quando considerada como desvio do fim sexual genital convencional, suspenso o juízo de valor - é a norma. Ou seja, a sexualidade infantil, perversa por ser polimorfa e não visar o coito, compõe, pelas suas marcas, a sexualidade do adulto.

A radicalidade desse ponto de vista faz Freud tomar como legítimas práticas sexuais díspares, desde a heterossexualidade, passando pela homossexualidade, pelo sadismo e masoquismo, chegando a incluir práticas abomináveis como a necrofilia. Tais práticas são legítimas a partir do ponto de vista da constituição da sexualidade, o que não retira, evidentemente, sua condenação penal, social e moral.

Assim, excetuando-se talvez o incesto – interdição fundamental para a ocorrência das trocas civilizatórias -, a reprovação ou aprovação de todas as práticas sexuais dependem da cultura nas quais se inserem. Para ficarmos apenas num exemplo, se pensarmos na Grécia clássica, a relação do mestre com seus discípulos podia incluir o erotismo.

Não fora por isso, não encontraríamos em Freud a seguinte afirmação, ao tratar da escolha de objeto sexual:

Assim, do ponto de vista da psicanálise, o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema a ser elucidado, pois não é fato evidente em si mesmo...

Portanto, não há motivo para horrorizar-se... Afinal, é assim que funciona...

* Cecília Maria de Brito Orsini é membro efetivo Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.